

APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA *LITERÁRIA*

NOTES FOR A *LITERARY* HISTORY

Aline de Almeida Moura*
alinedeamoura@gmail.com

No presente trabalho, refletirei sobre a atuação de aspectos afetivos, que entendo como característicos aos fenômenos culturais e literários, como relevantes também na produção de saberes no campo da historiografia literária. Nesse horizonte, será proposta uma epistemologia que não seja apenas centrada na razão, mas que também ofereça espaço para a *copresença* do corpo e dos afetos na produção de saber.

Palavras-chave: história literária, historiografia, afeto, neurociência, epistemologia.

This paper reflects on the performance of emotional features which I consider to be characteristic of cultural and literary phenomena, also relevant in the production of knowledge in the field of literary historiography. With this in mind, an epistemology will be proposed that is not only focused on reason, but also provides space for the co-presence of the body and affections in the production of knowledge.

Keywords: literary history, historiography, affect, neuroscience, epistemology.

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) / CAPES, Rio de Janeiro, Brasil.

*Para entender nós temos dois caminhos:
o da sensibilidade que é o entendimento do corpo;
e o da inteligência que é o entendimento do espírito.
Eu escrevo com o corpo.
Poesia não é para compreender, mas para incorporar.
Entender é parede; procure ser árvore.*

(Manoel de Barros)

1. Em *Assim falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche, é narrada a história de Zaratustra, que deixa sua pátria para viver recluso em uma montanha. Após dez anos, ele percebe que “enfim seu coração mudou” e diz: “estou farto de minha sabedoria, como a abelha que juntou demasiado mel; necessito de mãos que se estendam” (2011, p.11). Logo após, ele decide retornar ao convívio com os homens. Em sua descida, ele se depara com um velho, que percebe sua mudança, “tornou-se uma criança Zaratustra, um despertado é Zaratustra” (*idem*, p.12).

A importância da passagem acima para este artigo está no modo com que a aquisição de sabedoria pelo andarilho transformou não apenas a sua maneira de pensar o mundo, mas o seu próprio corpo. Seu coração mudou, não apenas a sua mente. A sua sabedoria é doce como o mel, uma sabedoria que quer ser compartilhada com seus amigos; não é uma doutrina a ser seguida por discípulos. É assim que Zaratustra se tornou um despertado, alguém visivelmente diferente do que era antes de construir esse novo entendimento do mundo. A busca por esse novo tipo de sabedoria é uma das questões fundamentais deste artigo.

Refletirei, portanto, sobre a atuação de aspectos afetivos, que entendo como característicos aos fenômenos culturais e literários, como relevantes também na produção de saberes no campo da historiografia literária. Nesse horizonte, será proposta uma epistemologia que não seja apenas centrada na razão, mas que também ofereça espaço para a *copresença* do corpo e dos afetos na produção de saber. Uma sabedoria doce como o mel, que não separe corpo e mente.

2. O ano de 1967 foi marcante para os estudos literários devido à magna aula de Hans Robert Jauss, proferida na Universidade de Constança, na Alemanha. Publicada posteriormente em livro com o título de *A história da literatura como provocação para a teoria da literatura*, Jauss propôs uma

revitalização para a ‘mal-afamada’ história da literatura. Passados cerca de cinquenta anos de sua publicação, o texto continua importante e, por isso, considero imprescindível começar por ele na minha discussão sobre a história da literatura. Nesse texto, Jauss primeiramente avaliou a disputa que havia entre a história da literatura e as teorias formalistas e marxistas na Alemanha de sua época. Sob a sua inspiração, farei uma rápida reflexão em torno dos estudos literários na contemporaneidade brasileira.^[1]

Em estudo feito por Erika Mathias (2010) sobre os Encontros da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), analisando os trabalhos publicados entre 1988 e 2006, foi constatado que os trabalhos situados dentro do que ela chama de subsistema de historiografia literária estão entre os mais populares, o que corrobora para a afirmação de sua importância nos estudos literários no Brasil. Além disso, através de consulta, realizada em setembro de 2016, à Plataforma Sucupira – uma base de dados do governo brasileiro que armazena informações sobre os seus Programas de Pós-graduação (PPG’s) – constatei que dentre os cerca de oitenta programas que abordam especificamente estudos literários – seja como mestrado profissional, mestrado e/ou doutorado acadêmico – praticamente todos desenvolvem, em pelo menos uma de suas linhas, estudos referentes à literatura em sua relação com a história e a cultura. Além disso, ao analisar esses dados percebi que mais da metade das linhas de pesquisa se preocupam especificamente com aspectos relacionados com a noção de representação (minorias sociais, gênero e identidades culturais). Essas pesquisas, em sua maioria, têm um caráter de reescrita de um cânone literário através da inserção de grupos, que não apareciam na história da literatura oficial, como os índios, as mulheres, os negros e/ou as comunidades regionais. Fora isso, cerca de sete programas tratam sobre acervos e fontes primárias, ratificando essa tendência revisionista, com grande influência dos estudos culturais.

Pesquisadores como Geraldo Ramos Pontes Júnior (2014) e Wander Melo Miranda (1998) apontaram para a existência de um terreno fértil para a inserção dos estudos culturais no Brasil, pois, pelo menos desde os anos 1970, havia um intenso diálogo entre literatura e cultura, como esses autores afirmam através da análise dos trabalhos de Silvano Santiago do período. Apesar disso, os estudos culturais, enquanto campo de atuação específico e legitimado na academia, suscitaram, ao mesmo tempo, uma relação de repulsa e de adesão. De acordo com Pontes Júnior, a repulsa

1 Poderia, de igual forma, fazer uma análise diacrônica da relação entre história e literatura no caso brasileiro, mas acredito que fugiria ao tema proposto.

partiu de críticos preocupados com a especificidade do literário e a delimitação do comparatismo como exclusivo da teoria literária. Por outro lado, a adesão se deu pela sua flexibilidade diante de outras disciplinas em período de teoria em crise (Pontes Jr. 2014). Wander Miranda argumentou que as reações contrárias aos estudos culturais são decorrentes, entre outros fatores, de seus questionamentos sobre a “hegemonia dos valores instituídos pela comunidade de letrados, por meio da revisão do cânone por critérios tidos como extra-literários (reivindicações de minorias e de ex-colônias)”, que não visariam abolir o cânone uma vez que tal projeto seria uma contradição (Miranda, 1998, p.13). Teria, portanto, um papel de reflexão sobre critérios de valor para determinação de um cânone, traço também apontado por Karl Erik Schollhammer, que defendeu os estudos culturais pelo seu caráter autorreflexivo acerca da “constituição discursiva do objeto de investigação” (Schollhammer, 2000, p.33).

Ora, essa relação entre estudos culturais e estudos literários é bastante interessante e nos leva a importantes reflexões. Primeiramente, vimos que tanto a sua rejeição quanto a sua adesão se referem ao seu caráter interdisciplinar, tanto no que tange aos métodos e critérios analíticos utilizados pelos pesquisadores, quanto sobre os seus objetos de estudo, que são expandidos para abarcar fenômenos culturais. Pretendo frisar, no entanto, que a assimilação dos estudos culturais, pela sua exposta preocupação com o cânone e pela expansão do objeto de pesquisa, desenvolve-se na esteira da história da literatura ao focar primordialmente na seleção de objetos e na sua análise por dados sociais e culturais, preocupando-se em vê-los representados na história da literatura nacional, por mais que não escrevam isso abertamente. Falha-se, contudo, por não refletir sobre o tipo de saber que essa abordagem produz. Em outras palavras, como afirma João Cezar de Castro Rocha, constata-se a existência de “intelectuais aduaneiros” (Rocha, 2011, p.59), que importam questões dos estudos culturais, sem fazer uma tarefa que era primordial: questionar a história da literatura em si. A atitude autorreflexiva, evocada por Schollhammer, perde-se nessa inserção pura e simples de um pensamento exógeno. Para além de renovar e expandir o cânone, devemos pensar na definição do cânone, devemos pensar sobre como descrever, abordar e analisar fenômenos literários e culturais.

Ademais, Paulo Franchetti, em seu artigo “História literária: um gênero em crise”, fala de uma renovação da história da literatura no caso brasileiro em meados do século XX pela substituição da história literária das “nações e autores” pela “história literária dos estilos e obras, como expressões da estrutura espiritual e social das épocas”. Contudo, o crítico explicita ao

longo de sua argumentação a desvalia dessa abordagem, pois ela não conseguiria lidar com a tensão entre cânone e gosto literário. Além disso, ao levar em consideração as grandes sínteses narrativas elaboradas no século XX, Franchetti diz não haver nenhum conhecimento específico que se possa obter na história da literatura, pois “desde que a construção da identidade nacional deixou de ser o objeto e o objetivo principal do discurso histórico, a história literária passou a ter pouco a oferecer, além do uso que ironicamente lhe atribuía Jauss no texto de 1967: repositório de informações” (Franchetti, 2002, s/p).^[2] Paradoxalmente, entretanto, ele diagnosticou o renovado interesse pela história da literatura através da busca de linhagens alternativas pela influência dos estudos culturais, o que corrobora para a minha tese de que não se trata simplesmente de desqualificar a história da literatura – ou apenas expandir os seus objetos de análise –, mas de propor abordagens mais condizentes com o contexto contemporâneo, pois, de outro modo, pesquisadores continuarão a seguir padrões obsoletos.

3. Hans R. Jauss, em seu texto, critica a restrição da história da literatura em apresentar os fatos acabados, pautando-se no objetivismo e criando uma “abstinência estética” a ser preenchida pelo trabalho do crítico literário. O teórico se propôs, então, a “responder à pergunta acerca de como se poderia hoje fundamentar metodologicamente e reescrever a história da literatura” (Jauss, 1994, p.23). A renovação, para o autor, centra-se no leitor como figura “imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico” (*ibidem*). Em outras palavras, pela recepção há uma mediação entre uma apreciação estética e uma apreciação histórica. Com base nessa premissa, Jauss propôs suas famosas setes teses que, apesar de algumas discordâncias, tiveram bastante aceitação, como o próprio autor apresenta no posfácio escrito após vinte anos “Os horizontes do ler. Hans Robert Jauss fala sobre *A história da literatura como provocação à teoria literária*”, e promoveu mudanças significativas nos estudos literários.

Atualmente, a história da literatura ainda demanda por renovações. Como analisei em minha dissertação de mestrado, intitulada *A arte de escrever histórias: experimentos contemporâneos de historiografia literária* (Moura 2013), há um descompasso entre a escrita de histórias de literatura

2 Uma resposta interessante a esse texto de Franchetti foi dada por Luís Bueno em “Depois do fim: ainda história da literatura nacional?” (2012). Para ele, em vez de pensar a história da literatura como tributária de uma ideia de nação, deveria se levar em consideração a noção de “tradição literária”, que seria mais potente em sua relação com os textos literários.

e as mudanças paradigmáticas ocorridas na história, nos estudos literários e na própria história da literatura. Como analisei naquele trabalho, alguns experimentos de historiografia literária tentaram prover respostas mais adequadas para o contexto contemporâneo. Dentre eles, examinei três volumes chamados de *Umas novas histórias literárias – A new history of French Literature* (1989), organizado por Dennis Hollier; *A new history of German Literature* (2004), editado por David Wellbery e *A new literary history of America* (2009), organizado por Greil Marcus e Sollors Werner –, organizados tendo por princípio uma constelação de ensaios, com inspiração benjaminiana, em que um dos objetivos era informar e, ao mesmo tempo, encantar seus leitores através da leitura dos textos ali selecionados. Nesse sentido, eu me inspirei nesses experimentos para pensar que a renovação da história da literatura não se daria mais pela inserção do leitor, como propôs Jauss, mas por uma concepção renovada de epistemologia que entendesse a cognição de forma mais complexa. Uma cognição enriquecida e operante apenas pela inserção de aspectos afetivos. Ao meu ver, uma renovação que se dará através de um sopro de ‘gaia ciência’.

4. A ligação entre fenômenos literários e culturais com aspectos afetivos não é uma novidade nos estudos literários. Heidrun Olinto, em “Razão e emoção nos atos de leitura” ofereceu um olhar retrospectivo sobre propostas circunstanciais que, desde os anos 1960, apontavam para formas mais flexíveis de lidar com obras de arte, estimulando sensibilidades até então ausentes em sua análise. Os exemplos citados são Roland Barthes, Umberto Eco e os expoentes da estética da recepção e do efeito, Wolfgang Iser e o próprio Hans Robert Jauss, além de Susan Sontag e seu discurso panfletário a favor de uma “erótica da arte” (Olinto, 2012, p 16). Podemos citar, também como exemplo, Paul Zumthor em sua preocupação com o “papel do corpo na leitura e na percepção do texto literário” (Zumthor, 2000, p.23) e, mais contemporaneamente, o trabalho de Katja Mellmann em sua investigação sobre a atuação de respostas emocionais na leitura de textos ficcionais literários através de um diálogo com a neurociência (Mellmann 2012).

Mais recentemente, Deidre Lynch, em *Loving literature: a cultural history* (2015), investiga o início dessa conexão, tendo por parâmetro o caso inglês e voltando-se para os primórdios dos estudos literários – nos séculos XVIII e XIX – a fim de entender como se constituíram os estudos de literatura (Lynch, 2015, p.1). Seu objetivo foi incitar uma autorreflexão entre os estudiosos de literatura inglesa sobre suas abordagens e metodologias.

Apesar de se centrar em um contexto específico, Lynch nos oferece algumas reflexões interessantes. Ela afirma a existência de muitas abordagens diferentes para explicar como chegamos ao conceito moderno de literatura: alguns apontam para uma necessidade de um capital cultural, o seu uso como instrumento do nacionalismo e do colonialismo, seu aparecimento como uma resposta social e pedagógica. Esses olhares sociais, contudo, falhariam por não exporem a criação de um objeto de afeição para as pessoas. Segundo a autora, a literatura obviamente já incitava paixões anteriormente, mas foi no período estudado que indivíduos tiveram que aprender a legitimar um relacionamento privado e individualizado com a abstração, o cânone, a literatura. Para ela, é preciso perceber que amar literatura não é algo transparente em si e que precisa ser analisado.

Além disso, a autora aborda especificamente o historicismo na história da literatura, identificado por ela como a instrumentalização necessária para legitimar o contato do estudioso com o seu objeto amado, os textos literários, em uma espécie de “amor possessivo” (*idem*, p. 64), pois apenas o crítico especializado poderia plenamente acessar a literatura. Para Lynch, a virada historicista se deveu a um esforço de encaixar um objeto de afeição em estudos formais, através da premissa que a literatura seria um documento histórico (*idem*, p. 101). Dessa forma, podemos induzir que a abordagem das ciências naturais, em sua busca pela objetividade, não é suficiente para os fenômenos literários e culturais, sendo que a utilização de seus métodos foi uma forma de legitimar um campo ainda em ascensão, se considerarmos os argumentos propostos por Lynch.

Um exemplo bastante sintomático dessa insuficiência da história historicista foi analisado por Luiz Valente em seu artigo “Entre Clio e Calíope: a construção da narrativa histórica em *Os Sertões*” (1998). Como ele demonstrou através da análise da “Nota Preliminar” de *Os sertões*, a obra não foi escrita para ser um texto literário, assumindo uma postura que diferencia um historiador de um cronista. Contudo, a “Nota” também apresenta elementos que desestabilizam essa certeza, pois “a objetividade, impessoalidade e distância, tradicionalmente vistas desde o final do século passado como requisitos para a pesquisa histórica, são pelo menos parcialmente abandonadas pela adoção de um ponto de vista coletivo” (Valente 1998, s/p). A hipótese sustentada por Valente é que o arcabouço teórico importado por Euclides da Cunha não é suficiente para seus propósitos, pois ele tenta manter um relacionamento dialógico com o contexto ideológico em que se insere. Em suas palavras, “à medida que a subjetividade e a retórica penetram na pretendida objetividade e sobriedade científicas, o texto de

Euclides começa a deslizar entre o histórico e o ficcional” (*ibidem*). E esse pode ser um caminho interessante para uma renovação da história da literatura através de afetos.

Além disso, outro argumento que justifica a vicissitude de minha busca pelo afeto está na sua crescente importância na atualidade. Michel Maffesoli retomando a metáfora de Georg Simmel, aponta para a existência de um “rei clandestino”, “as molas escondidas ou o real íntimo de certa sociedade” (Maffesoli, 2014, p.12). Para ele, refletindo sobre o tempo presente, “essa história secreta é a dos afetos, dos instintos, dos sentimentos de pertença, das atrações / repulsas. Tudo se resumindo na erótica social” (*idem*, p.13). Assim, o autor aponta para uma ruptura entre a modernidade e a pós-modernidade devido à crescente importância que vai ser atribuída ao corpo, ao qualitativo da existência, ao prazer de ser, à vida cotidiana, à volta do emocional. Em contrapartida ao entendimento do indivíduo “mestre de si mesmo como do universo”, característico da modernidade, atualmente prevalece uma espécie de “tribalismo”, em que cada “pessoa plural” – caracterizando o estilhaçamento do indivíduo – “vai ser o que é a partir das ligações que o constituem. Ligações de afetos, odores, gostos, sentimentos, sensações, tudo fazendo que *creçamos com*” (Maffesoli, 2012, p.12).

Embora associadas à individualidade, segundo Maffesoli, na verdade as emoções são essencialmente coletivas, manifestando-se “como expressão desses instintos animais que, constantemente, continuam a atormentar o corpo social” (*idem*, p.38). Em outras palavras, o emocional é considerado aquele fio que une o tecido social, uma marca invisível que determina gestos, hábitos de linguagem, dobras que dão especificidade a uma comunidade. Assim sendo, passa-se de uma era que cindia a razão da emoção e domina na atualidade uma “razão enriquecida pelo aporte dos afetos, sentimentos, emoções e paixões vividas em comum” (*idem*, p.40).

Nesse mesmo horizonte, Luc Ferry (2012) sustenta a hipótese de que o amor tem se tornado um dos elementos centrais no mundo atual. Tendo por base a influência que a passagem do casamento por conveniência para o casamento por amor teve não só na esfera privada, como também na pública, ele postula o que chama de “segundo humanismo”, ou humanismo do amor e da fraternidade. Partindo de uma abordagem fenomenológica, ele acredita que o amor, princípio que rege o segundo humanismo, “não é pensável sem uma relação com o outro, que revela em sentido amplo, um irreprimível sentimento de transcendência” (Ferry, 2012, p.202). Ao amar alguém, a pessoa se sente obrigada a se afastar de seu ego. É essa relação com a exterioridade, com o outro tendo como origem a mais íntima

interioridade que trata o seu conceito de “transcendência da imanência” (*idem*, p.204). Com o amor sendo o elemento regulador da vida presente e tendo como característica o fato de ser parte de nós e não de uma instância metafísica superior, Ferry aponta uma espécie de ponto arquimédico plausível em nossa existência e no modo de lidar com ela. Assim, escapa-se dos problemas impostos por uma concepção metafísica, mas renova-se uma experiência vivida, uma transcendência que vem diretamente de nós mesmos, do nosso corpo, dos nossos afetos.

Tanto Maffesoli quanto Ferry demonstram a importância dos laços emocionais e do corpóreo para a sociedade contemporânea. Nesse sentido, esses aspectos seriam o nosso “rei clandestino”, identificável tanto na ideia do amor como regulador da vida, a partir da ideia de “transcendência da imanência”, proposta por Ferry; quanto na importância da emoção nas relações sociais de Maffesoli. Contudo, acredito que ainda há contornos imprecisos, principalmente com relação às questões epistemológicas.

Emerge uma concepção de ser humano mais complexa, que não separa o corpo e a emoção da razão. Um indivíduo diferente do apregoado pelo cartesianismo e, por esse motivo, nosso modo de lidar com o mundo e com os fenômenos literários e culturais, mais especificamente, deve ser modificado. Um dos campos que tem contribuído para a emergência dessa nova concepção de ser humano é a neurociência, principalmente em sua vertente preocupada com a afetividade. Por essa razão, recorreremos a ela para marcar de forma mais precisa os conceitos de afetos, emoções e sentimentos, que tenho usado até o momento sem muita delimitação.^[3]

5. A importância dos afetos na produção de saberes é tema do livro *Emotions, learning and the brain. Exploring the educational implications of affective neuroscience* (2016). Nele, a autora Mary Helen Immordino-Yang faz uma relação entre neurocientistas e educadores, procurando entender como novas descobertas nos estudos do cérebro podem ajudar nas práticas educacionais. Especificamente no capítulo “The role of emotion and skilled intuition in learning”, ela aborda a importância das emoções para a

3 Catherine Malabou é uma pensadora contemporânea francesa que também busca contribuições na neurociência para pensar em uma contraposição para a filosofia kantiana, principalmente através das descobertas atuais sobre a plasticidade do cérebro. Em entrevista concedida ao *Les in rocks*, ela desenvolve um pouco sobre esse encontro entre filosofia e neurociência. Como ela aponta, “Il est temps de proposer une nouvelle analytique transcendante de la pensée philosophique compte tenu des enseignements fondamentaux et révolutionnaires des neurosciences de ces cinquante dernières années environ” (Malabou, 2014).

aprendizagem através da desconstrução do que ela denomina por “neuromitos” (Immordino-Yang, 2016, p.95). Immordino-Yang começa relatando uma pesquisa envolvendo um jogo de apostas. Nesse jogo, uma participante é colocada diante de uma mesa com quatro conjuntos de cartas e sua tarefa é escolher uma carta por vez de qualquer um desses conjuntos. Através de cada carta escolhida, a participante pode ganhar uma determinada quantidade de dinheiro. Sem ela saber previamente, alguns baralhos contêm cartas muito valiosas, mas também podem ocasionar grandes perdas. Assim, no início a participante escolhe cartas aleatoriamente, mas, com o tempo, ela começa a ter reações físicas – como suar nas mãos em quantidade microscópica – antes de pegar cartas de um baralho mais arriscado, passando a evitar esses baralhos. Inconscientemente, ela acumula informações emocionais sobre o risco relativo de cada baralho. Após algum tempo, ela já tem informação suficiente para afirmar que aprendeu o jogo (*idem*, p.96).

A autora realizou esse mesmo jogo com uma participante com danos no córtex pré-frontal ventromedial, que afeta a integração entre o sentimento do corpo e estratégias de aprendizado. Essa participante tem a capacidade lógica intacta, mas não tem as reações emocionais que a afastariam dos baralhos mais arriscados. Assim, a pesquisadora compreendeu que mesmo que logicamente a participante com danos cerebrais entenda as regras, ela continua pegando cartas no baralho mais desvantajoso, enquanto os indivíduos sem danos costumam entender já na oitava carta a regra implícita. Ela afirma que esses pacientes são incapazes de aprender com suas experiências (*idem*, p.100). A conclusão é que o conhecimento factual é inútil sem o guia de uma intuição emocional e, assim, a sua pesquisa afirma a relevância da integração da emoção no aprendizado.

No capítulo “Neuroscience Bases of Learning”, a autora enfatiza a importância da natureza dinâmica do aprendizado e sua relação com variáveis individuais e culturais na aquisição de habilidades (*idem*, p.79). Ela aponta para pesquisas atuais que ressaltam como as experiências de um indivíduo moldam a sua biologia da mesma forma que a biologia de um indivíduo molda o seu desenvolvimento, enfatizando a plasticidade do nosso cérebro, alterável diante de interações socioculturais. Através dessa descoberta da relação entre biologia e contexto cultural, neurocientistas e educadores têm criado inúmeras parcerias para entender e desenvolver programas educacionais mais adequados. Esses estudos podem ter diferentes níveis, de um trabalho sobre genes em uma determinada célula a trabalhos sobre comunidades em uma determinada cultura (*idem*, p.80). Além disso, outro fator interessante foi a percepção que o aprendizado não se restringe a uma

área do cérebro, mas envolve ativamente a construção de redes neurais, em que cada aprendiz pode criar redes diferentes de acordo com suas próprias potencialidades neuropsicológicas e predisposições sociais, culturais e físicas. Dessa forma, há vários caminhos possíveis para o desenvolvimento de uma habilidade, como a leitura, por exemplo (*idem*, p.83). Ela conclui que em vez de focar em domínios específicos como leitura e matemática, por exemplo, os educadores devem pensar de forma mais abrangente e incluir a preocupação com facilitadores na aprendizagem como a emoção, o processamento social e a atenção.

A pesquisadora Mary Helen Immordino-Yang fez sua pesquisa de pós-doutorado sob a supervisão de António Damásio, um dos mais importantes neurocientistas no que tange pesquisas sobre cérebro, emoções e afetos. Esse pesquisador, embora também não seja um estudioso da literatura, lança uma nova luz sobre a nossa noção de ser humano. Por esse motivo, considero importante discutirmos suas ideias, focando nos livros *O erro de Descartes* (1996) e *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos* (2004).

Em *O erro de Descartes*, Damásio tem como principal enfoque a relação entre emoção e razão no processo de raciocínio. Baseado na observação de pacientes neurológicos com dificuldades na tomada de decisões e distúrbios da emoção, ele construiu “a hipótese (conhecida como hipótese do marcador somático) de que a emoção era parte integrante do processo de raciocínio e poderia auxiliar esse processo, em vez de, como se costumava supor, necessariamente perturbá-lo” (Damásio, 1996, p.6). Em outras palavras, o autor percebe que certos aspectos da emoção e do sentimento são indispensáveis para a racionalidade, ressaltando que não se trata de hierarquizá-los, mas entender a importância do bom funcionamento de ambos para as tomadas de decisão e para o raciocínio. Nesse sentido, ele aborda o sentimento como a “percepção direta de uma paisagem específica: a paisagem do corpo” (*idem*, p.14). Assim, quando o corpo é afetado pelo contato com determinados contextos, são produzidas reações independentes do raciocínio lógico, que são ‘lidas’ pelo cérebro e criam essa paisagem do corpo. A percepção desses afetos é entendida como o sentimento gerado por aquele contexto. Dito de outra forma, os afetos emergem incontrolavelmente e decorrem do nosso contato com determinados eventos, ressaltando-se a necessidade de circunstâncias específicas que levem à percepção de determinada emoção, que levará a identificação de um sentimento. Damásio conclui, a partir disso, que o corpo, “tal como é representado pelo cérebro, pode constituir o quadro de referências indispensáveis para os processos

neurais que experimentamos como sendo a mente” (*idem*, p.16). Assim, o nosso corpo é a referência para as interpretações que fazemos do mundo e não a realidade externa absoluta por si. Em outras palavras, sem um corpo não há sentimentos e sem sentimentos não há razão que se sustente. O erro de Descartes, nesse sentido, foi separar corpo e mente, tratando o corpo e tudo o que a ele é ligado como menor e desnecessário.

É no seu livro *Em busca de Espinosa*, no entanto, que Damásio desnuda o funcionamento do sentimento e das emoções. Seu método de estudo majoritário, aliado com outros métodos da neuroquímica e da observação do comportamento social, foi o uso de técnicas de neuroimagem, visando criar imagens da anatomia e atividade do cérebro humano. Nesse sentido, seu objetivo é “elucidar a teia de mecanismos que permitem aos nossos pensamentos desencadear estados emocionais e construir sentimentos” (Damásio, 2004, p.14), tendo por foco os sentimentos, aquilo que são e fazem.

Primeiramente, Damásio diferencia emoção de sentimento, afirmando que “as emoções são ações ou movimentos, muitos deles públicos, que ocorrem no rosto, na voz ou em comportamentos específicos” (*idem*, p.35), podendo ser visíveis – como um arrepio – ou invisíveis a olho nu – como a elevação do fluxo sanguíneo. Os sentimentos são necessariamente invisíveis a olho nu, sendo uma imagem mental. Em outras palavras, “as emoções ocorrem no teatro do corpo. Os sentimentos ocorrem no teatro da mente” (*ibidem*). Segundo o autor, “as emoções são um meio natural de avaliar o ambiente que nos rodeia e reagir de forma adaptativa” (*idem*, p.62). Por vezes, avaliamos a presença de um objeto e suas ligações pelas emoções junto ao aparelho da mente consciente, fazendo com que, a partir dessa co-avaliação, possamos modular as nossas reações emocionais. O sentimento, por sua vez, é “a representação mental do corpo funcionando de certa maneira” (*idem*, p.91). Assim, o conteúdo do sentimento se relaciona com a representação de um estado muito particular do corpo.

A passagem da emoção para sentimento foi descrita como um processo que se inicia com um estímulo singular e termina com o estabelecimento de bases para o sentimento relacionado com aquele estímulo. Este processo se espalha lateralmente e envolve cadeias paralelas. Há também uma ampliação levada pela memória de estímulos relacionados, os estímulos adicionais. Esses estímulos adicionais podem levar a uma modificação ou continuação na emoção. Assim, “em relação ao estímulo inicial, a continuação e a intensidade do estado emocional estão à mercê do desenrolar do processo cognitivo” (*idem*, p.72). Em outras palavras, há primeiro um

estímulo que gera reações emocionais no corpo. Essas reações são mapeadas pelo cérebro e são unidas à memória de estímulos adicionais, levando à emergência de determinado sentimento ligado àquela emoção ou à modificação da emoção através dos estímulos adicionais. Nesse sentido, os sentimentos não podem ser considerados percepções passivas, “um relâmpago que desaparece da nossa vida” (*idem*, p.99). Uma vez instalado um sentimento, ele recruta o corpo ativo e repetidamente, durante vários segundos ou minutos, correspondendo a dinâmicas variações na percepção (*ibidem*).

Ressalta-se que o sentimento não precisa ser necessariamente ligado a um estado real do corpo, mas sim um estado dos *mapas cerebrais do corpo*. Nesse caso, o autor aponta para o exemplo da empatia, que também pode ser entendida como a simulação de certos estados emocionais do corpo, quando, por exemplo, alguém de estima sofre um acidente e o cérebro, por um curto momento, falseia um mapa cerebral e a pessoa sente como se ela própria estivesse sofrendo pelo acidente (*idem*, p.126).

Damásio, então, coteja a funcionalidade desse processo que leva da emoção ao sentimento, ligando-o a processos homeostáticos, isto é, processos de regulação da vida que nos levam a responder automaticamente a problemas relacionados à manutenção da vida. Nesse sentido, as emoções e os sentimentos têm esse papel de regular a vida. Além disso, segundo o autor, toda experiência de vida é acompanhada por algum grau de emoção, tornando emoções e sentimentos, sendo eles positivos ou negativos, componentes obrigatórias nas nossas experiências sociais (*idem*, p.157). Assim, categorizamos experiências que temos ao longo da vida por base em emoções e sentimentos ligados a elas, fazendo com que respondamos de maneira rápida àquela experiência. Além disso, sem emoções e sentimentos, o ser humano não poderia se ligar com o mundo que o rodeia, não haveria generosidade, ou colaboração em grupo para sanar problemas (*idem*, p.169).

Damásio, a partir de suas pesquisas, também recoloca a questão do dualismo entre corpo e mente. Para ele, corpo e mente são atributos, manifestações paralelas de uma mesma substância, ou seja, “a mente humana é a ideia do corpo humano”, uma vez que os processos mentais se alicerçam no mapeamento do corpo que o cérebro constrói (*idem*, p.21). Ou seja, só há mente na presença de um corpo, pois a mente deriva de mapas cerebrais do estado do corpo.

A justificativa que Damásio fornece para o seu estudo e que nos interessa aqui, de modo específico, é que a correta compreensão dos sentimentos é indispensável para a “construção futura de uma visão dos seres

humanos mais correta do que a atual, uma visão que levará em conta todo o espetacular progresso que se tem feito nas ciências sociais, nas ciências cognitivas e na biologia” (*idem*, p.16). O valor prático dessa reconfiguração está em sua visão que “o êxito ou o fracasso da humanidade depende em grande parte do modo como o público e as instituições que governam a vida pública puderem incorporar essa nova perspectiva da natureza humana em princípios, métodos e leis” (*idem*, p.16). E, de fato, a noção tradicional de que podemos separar emoção de razão, corpo de mente, nos levou a uma forma equivocada de produzir um conhecimento sobre o fenômeno literário, em nosso caso específico.

Acredito que as justificativas empregadas por Damásio também podem ser aplicadas na nossa pesquisa sobre a atualização da história literária. A separação entre razão e emoção é equivocada sob o ponto de vista da neurociência de vertente damasiana. Essa divisão, contudo, é basilar no modo com que lidamos com fenômenos literários, pois, embora eles sejam estímulos-emocionalmente competentes, em sua maioria, e que levam a emoções e, posteriormente, a sentimentos, a história literária, em sua perspectiva mais elementar, visa apenas a relatar fatos históricos que possam contribuir para a formação de determinado texto. Ressaltamos, no entanto, que desconsiderar esse aspecto emocional significa alijar parte importante do fenômeno literário.

Pensar em uma história literária preocupada com aspectos emocionais e afetivos não se limita a indagar as respostas emocionais de determinados leitores diante de fenômenos literários específicos. Como vimos anteriormente, emoções e sentimentos são desencadeados por estímulos competentes, ou seja, dependem da existência de um agente externo que estimule o corpo e leve a pensamentos que possam desencadear reações emocionais. Nesse sentido, uma história literária preocupada com emoções e afetos deve estar atenta também para a produção de estímulos competentes.

Algo a se ressaltar é a *copresença* entre razão e emoção. Damásio e Ymoordino-Yang não desprezam o raciocínio lógico, só apontam para a presença de aspectos emocionais na tomada de decisões e no aprendizado. Da mesma forma, uma história literária afetiva também não descarta o raciocínio, a logicidade, mas apenas considera os afetos e as emoções também como atuantes.

Para ser ainda mais explícita no que tange os conceitos de afeto, emoção e sentimento, apontarei para as definições propostas por Eric Shouse (2005), uma vez que ele faz uma importante diferenciação entre esses termos. De acordo com ele, afeto e afeição não se referem a um sentimento

peçoal, pois, enquanto afeto é uma habilidade de afetar e ser afetado, “it is a prepersonal intensity corresponding to the passage from one experiential state of the body to another and implying an augmentation or diminution in that body’s capacity to act” (Shouse, 2005, s/p), afeição “is each such state considered as an encounter between the affected body and a second, affecting body” (*ibidem*). Dessa forma, os aspectos de afetos e afeições não são usados em seu sentido lato, como sinônimo de emoção ou sentimento, mas como as paisagens do corpo, conforme Damásio define emoção. Por outro lado, sentimento é uma sensação baseada em experiências anteriores e emoção é a projeção de um sentimento. Em outras palavras, afeto é uma experiência pré-peçoal, pois se refere às reações do corpo diante de um evento, enquanto o sentimento é peçoal e biográfico por depender de uma série de sensações anteriores, e a emoção é social ao ser a percepção de um conjunto de sensações por base no conhecimento socialmente compartilhado – e, por isso, uma emoção pode ser fingida.

Em síntese, a importância de recorrer à neurociência para se pensar sobre afeto, emoções e sentimentos está em sua importante contribuição para a desmitificação de “neuromitos” (Immordino-Yang). Primeiramente, ela é relevante por nos fazer perceber que o conhecimento factual é inútil sem o guia de uma intuição emocional. Além disso, é preciso estar atento para a natureza dinâmica do aprendizado e sua relação com variáveis individuais e culturais na aquisição de habilidades, devido à plasticidade do nosso cérebro. Ressalta-se também que categorizamos experiências que temos ao longo da vida por base em emoções e sentimentos a elas ligadas. Essas ideias são primordiais para se pensar na produção de saberes.

6. Frederik Tygstrup aponta em seu artigo “Affective spaces” (2015) para a necessidade de uma mudança de foco da psique para a situação quando pensarmos sobre aspectos afetivos. Para ele, afetos são como uma composição complexa de elementos materiais, scripts sociais e protocolos para agência (agency), corpos humanos e suas diferentes ferramentas e próteses, “and an ensemble of individuals expressing their different volition, imaginaries and propensities” (Tygstrup, 2015, p.169). Essa proposta que seguiremos. A ênfase na relação da história literária com o afeto – e não apenas com sentimentos e emoções – se deve ao fato que não foi procurada uma narração de sujeitos sobre suas emoções no contato com fenômenos literários e culturais, mas por contextos de escrita de história de literatura

que possibilitassem a emergência dos afetos em *copresença* com processos de raciocínio lógico.

Nesse sentido, ainda sob a inspiração de Hans R. Jauss, o modo pelo qual proporei uma renovação na história literária não será mais através da inserção do leitor – mesmo porque podemos citar a *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido, como pioneira em ver a literatura como um sistema^[4] –, mas pela inserção de aspectos afetivos, como venho articulando ao longo desse texto. Precisamos de uma nova história literária que seja definitivamente literária. Um grande desafio para a pesquisa é que estamos acostumados a pensar na produção de conhecimentos apenas em termos de razão. Logo, propor um saber que alie razão e afeto coloca em questão a nossa base epistemológica. Precisamos reaprender a pensar, a conhecer, a ler.

7. Escolhi, para a epígrafe deste texto, um trecho de Manoel de Barros. Nele, o autor fala da existência de dois entendimentos: o da sensibilidade – “que é o entendimento do corpo” – e o da inteligência “que é o entendimento do espírito” (Barros, 1990, p.212). Devemos romper com essa separação e procurar unir corpo e espírito, sensibilidade e inteligência, uma vez que, de fato, a separação é arbitrária e empobrecedora para a história da literatura. Os fenômenos literários e culturais trazem consigo um elenco de sentidos. Sentidos tanto como significados como aquilo que nos afeta, que nos toca. O sentido histórico e cultural é apenas um deles e, em vez de distanciar-nos dos fenômenos literários e culturais, ou mantê-los apenas para leitores especializados, deve ser enriquecido pelo aporte dos afetos.

É preciso ressaltar que não pretendo reduzir a experiência afetiva a um conceito a ser aplicado nas histórias literárias. Temos que pensar em um modo de manter a sua potência. Ler é respiração e pensamento. Envolve corpo e razão. Como aparece na epígrafe, sejamos também árvore.

4 Ressalta-se que o livro de Candido foi publicado pela primeira vez em 1959, quase uma década anterior à reflexão teórica de Jauss.

Referências

- BARROS, Manoel de (1990). *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BARTHES, Roland (1984). *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- BUENO, Luís (2012). Depois do fim: ainda história de literatura nacional?. *Matraga*, vol. 19 n.31, 205-217.
- DAMÁSIO, António (1996). *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DAMÁSIO, António (2004). *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FERRY, Luc (2012). *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Tradução: Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva.
- FRANCHETTI, Paulo (2002). História literária: um gênero em crise. In: *Semear: Revista da Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses*, n.7. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/semiar_7.html. Acessado em 30/07/2013.
- HOLLIER, Dennis (ed.) (1989). *A New History of French Literature*. Cambridge: Harvard UP.
- JAUSS, Hans Robert (1994). *A história da literatura como provocação para a história da literatura*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática.
- IMOORDINO-YANG, Mary Helen (2016). *Emotions, learning and the brain. Exploring the educational implications of affective neuroscience*. New York, London: W.W. Norton & Company.
- LYNCH, Deidre Shauna (2015). *Loving Literature. A cultural history*. Chicago: University of Chicago Press.
- MAFFESOLI, Michel (2012). *O tempo retorna. Formas elementares da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MAFFESOLI, Michel (2014). *Homo eroticus. Comunhões emocionais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MALABOU, Catherine (2014). Catherine Malabou : pour la rencontre entre philosophie et neuro-sciences. Disponível em: <http://www.lesinrocks.com/2014/10/20/livres/catherine-malabou-rencontre-philosophie-neuro-sciences-11530745/>. Acessado em 10/10/2016.
- MARCUS, Greil & WERNER, Sollors (ed.). (2009). *A New Literary History of America*. Cambridge and London: The Belnap Press & Harvard University Press.
- MATHIAS, Erika (2010). *Estudos de historiografia literária na ABRALIC (1988-2006): uma cartografia crítica*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- MELLMANN, Katja (2016). E-Motion: Being Moved by Fiction and Media? Notes on Fictional Worlds, Virtual Contacts and the Reality of Emotions. *PSYART: A Hyperlink*

- Journal for the Psychological Study of the Arts*. Disponível em http://www.psyartjournal.com/article/show/mellmann-e_motion_being_moved_by_fiction_and_medi. Acessado em 29/11/2016.
- MIRANDA, Wander Melo (1998). Projeções de um debate. *Revista brasileira de literatura comparada*. n. 4. Florianópolis, 11-18.
- MORETTI, Franco (2013). *The bourgeois: between history and literature*. London: Verso.
- MOURA, Aline (2013). *A arte de escrever histórias: experimentos contemporâneos de historiografia literária*. Orientadora: Heidrun Olinto. Dissertação de mestrado. PUC-Rio.
- NIETZSCHE, Friedrich (2011). *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- OLINTO, Heidrun (2012). Razão e emoção nos atos de leitura. *Letras em Revista*. Teresina, v.03, n.01, 12-19.
- PONTES JR., Geraldo Ramos (2014). Os estudos culturais e a crítica literária no Brasil. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 44, 17-36.
- ROCHA, João Cezar de Castro (2011). *Em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik (2000). Estudos culturais: os novos desafios para a teoria da literatura. *Dialogos Latinoamericanos*. v. 1. Aarhus, 33-45.
- SHOUSE, Eric (2005). Feeling, Emotion, Affect. *M/C Journal*, vol. 8, issue 6. Disponível em <http://journal.media-culture.org.au/0512/03-shouse.php>. Acessado em 28/11/2015.
- TYGSTRUP, Frederik (2014). Affective spaces. In: OLINTO, Heidrun (org.). *Cenários contemporâneos de escrita* (pp. 166-184). Rio de Janeiro: 7Letras
- VALENTE, Luiz Fernando (1998). Entre Clío e Calíope: a construção da narrativa histórica em *Os Sertões*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 5 (suplemento), 39-55.
- WELLBERY, David E. (ed.). (2004). *A New History of German Literature*. Cambridge: Harvard UP.
- ZUMTHOR, Paul (2000). *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC.

[recebido em 14 de fevereiro de 2017 e aceite para publicação em 1 de agosto de 2017]